

IMAGEM CORPORAL E TRANSTORNOS ALIMENTARES EM BAILARINAS PROFISSIONAIS

Julia M. Abduch, Paula Teixeira Fernandes

Resumo

Devido a influência da mídia na percepção crítico-reflexiva de meninas, ocorre uma preocupação excessiva com o corpo que pode levar a desvios do comportamento alimentar, relacionando-se a futuros Transtornos Alimentares, problemas de autoestima e distorção da Imagem Corporal. Devido à necessidade de uso do corpo para obtenção de resultados, dançarinos e atletas são considerados indivíduos com maiores tendências para Transtornos Alimentares. Assim, este trabalho teve como objetivo avaliar a percepção da Imagem Corporal e da autoestima em bailarinas clássicas profissionais e os fatores de risco para Transtornos Alimentares.

Palavras-chave:

Imagem Corporal, Transtornos Alimentares, Bailarinas.

Introdução

O termo Imagem Corporal começou a ser explorado por Paul Schilder, na primeira metade do século XX, sendo destacada a importância de estudos sobre essa temática¹, devido à relação direta com comportamento alimentar, riscos para Transtornos Alimentares² e baixa autoestima³. Os Transtornos Alimentares mais encontrados são Bulimia Nervosa e Anorexia Nervosa, ocorrendo principalmente na adolescência e podendo estender até o início da idade adulta⁴. Profissões que possuem maior exibição do corpo, como bailarinos, atletas e modelos, estão relacionadas à maior descontentamento com a imagem corporal, que pode estar relacionada a métodos descontrolados de emagrecimento que levam a transtornos alimentares⁵.

O presente estudo visou caracterizar a Imagem Corporal, a Autoestima e os fatores de risco para Transtornos Alimentares em bailarinas clássicas, bem como a frequência em que ocorrem e o grau de insatisfação corporal nessa população.

Resultados e Discussão

No estudo, observou-se que a maioria das bailarinas (74,1%) possui o desejo de diminuir a sua silhueta corporal (emagrecer), uma bailarina (3,7%) gostaria de aumentar a silhueta (engordar) e seis (22,2%) estavam satisfeitas. A silhueta encontrada como atual para a maioria das bailarinas é a de número 3 (40,7%) e a ideal, em sua maioria, a de número 2 (55,5%). Esses dados estão de acordo com o estudo de Gonçalves et al. (2017)⁶, realizado no Rio de Janeiro, no qual a maior parte das bailarinas (70%) demonstrou insatisfação com a silhueta que denominaram como real para si.

A frequência encontrada para comportamentos de risco para Transtornos Alimentares nesse grupo foi de 18,5%. Porém, percebe-se que há uma grande satisfação com a Imagem Corporal, o que nos permite perceber que a insatisfação corporal não está, necessariamente, relacionada ao risco de distúrbios alimentares. Em um estudo⁷, realizado com bailarinos, visando analisar o risco de Transtornos Alimentares nessa população, encontrou que 100% (n=27) das mulheres possuíam alguma distorção de Imagem Corporal, porém, 18 dessas bailarinas possuíam ausência de sintomas de risco para Transtornos Alimentares.

Relacionado à autoestima, 59,3% das bailarinas apresentaram autoestima alta. Porém esse conceito está relacionado, também, as interações do indivíduo com o mundo externo. Além disso, a influência do ambiente na autoestima é um fator importante para os dados encontrados na pesquisa: o estímulo familiar e de

professores quanto ao desempenho das bailarinas não foi analisado. Se esse estímulo está sendo positivo, pode justificar a autoestima alta das participantes, não relacionando esse quesito com a vontade de emagrecer pessoal de cada uma.

Os dados encontrados para distorções da IC são preocupantes no quesito de envolverem não apenas o lado profissional das bailarinas. É um conceito que está diretamente relacionado à vida em sociedade e isso implica em insatisfações com o seu perfil corporal. É importante perceber que as bailarinas são mulheres em fase de transição da adolescência para a idade adulta, o que acarreta preocupações extras a essa distorção analisada profissionalmente, como a influência da mídia⁶.

Conclusões

No presente trabalho, foram encontradas bailarinas, em sua maioria, insatisfeitas com a Imagem Corporal pelo desejo de diminuir a silhueta, com autoestima elevada e baixa porcentagem de risco para o desenvolvimento de Transtornos Alimentares.



CAMPANA, A. N. N. B., TAVARES, M. C. G. C. Avaliação da imagem corporal: instrumentos e diretrizes para a pesquisa. In: Avaliação da imagem corporal: instrumentos e diretrizes para a pesquisa. Phorte, 2009.

²NUNES, Maria Angélica et al. Influência da percepção do peso e do índice de massa corporal nos comportamentos alimentares anormais. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 23, n. 1, p. 21-27, 2001.

³ESPÍNDOLA, Cybele Ribeiro et al. Bulimia e transtorno da compulsão alimentar periódica: revisão sistemática e metassíntese. Rev Psiquiatr RS, v. 28, n. 3, p. 265-75, 2006.

⁴GUIMARÃES, Aline Dias et al. Transtornos alimentares e insatisfação com a imagem corporal em bailarinos. Rev. bras. med. esporte, v. 20, n. 4, p. 267-271, 2014.

⁵CASTILHO, Simone Mancini. A imagem corporal. ESETec, 2001

⁶GONÇALVES, Vivianne Oliveira; MARTÍNEZ, Juan Parra. Imagem corporal de adolescentes: um estudo sobre as relações de gênero e influência da mídia. 2014.

⁷DE ARAUJO, Mariangela et al. AVALIAÇÃO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES EM PRATICANTES DE BALLET. Revista Saúde-UNG, v. 10, n. 1-2, p. 08-21, 2016.